

HOLOCAUSTO BRASILEIRO, de Daniela Arbex

***Livro-reportagem sobre os abusos cometidos num manicômio em Minas Gerais, que vendeu mais de 300 mil exemplares, ganha nova edição***

“Trem de doido” foi a expressão incluída por Guimarães Rosa no conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* para descrever a situação dos vagões apinhados de gente que cruzavam as ferrovias do interior de Minas Gerais com destino ao Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena. Fundada em 1903, a instituição conhecida apenas por Colônia recebeu por décadas centenas de pessoas diariamente para uma viagem sem volta. Os pacientes, muitas vezes sem diagnóstico de doença mental, eram submetidos a condições desumanas com o consentimento do Estado, de médicos, funcionários e sociedade. Pelo menos sessenta mil pessoas morreram entre os muros do Colônia — a maior parte entre as décadas de 1960 e 1970. Eleito o melhor livro-reportagem do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor livro-reportagem no Prêmio Jabuti (2014), *Holocausto brasileiro* vendeu mais de 300 mil exemplares no Brasil e Portugal e agora ganha uma nova edição, pela Intrínseca, com posfácio escrito pela autora e novo projeto gráfico.

Ao longo de décadas, o manicômio se tornou um depósito de homens, mulheres — e até de crianças — que haviam se tornado indesejáveis para o convívio social: homossexuais, prostitutas, mães solteiras, meninas violentadas pelos patrões, mendigos, ou moças que tinham perdido a virgindade antes do casamento. Quando chegavam ao Colônia, a maioria à força, tinham as cabeças raspadas e as roupas arrancadas. E isso era apenas o começo: no dia a dia eram submetidos a toda ordem de maus-tratos. Mesmo nas madrugadas frias da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento e perambulavam nus pelos pátios. Comiam ratos, bebiam esgoto, urina, dormiam sobre o feno, além de serem submetidos a torturantes sessões de eletrochoque. Entre 1969 e 1985, quase dois mil cadáveres foram vendidos clandestinamente para 17 faculdades de medicina do país, sem que ninguém questionasse.

Em 1979, o psiquiatra italiano Franco Basaglia, pioneiro da luta pelo fim dos manicômios e defensor do tratamento humanizado, conheceu o Colônia e declarou nunca ter visto uma tragédia como aquela. Num árduo esforço de apuração, Daniela Arbex localizou sobreviventes e entrevistou ex-funcionários para resgatar de maneira detalhada e emocionante as histórias de quem viveu de perto o horror perpetrado por um instituição com o propósito de limpeza social comparável ao nazismo. *Holocausto brasileiro* é o relato essencial de um capítulo obscuro da história brasileira, o que fez dele um marco do jornalismo investigativo no país.

DANIELA ARBEX trabalha há mais de 20 anos como repórter especial do jornal *Tribuna de Minas*. Suas investigações resultaram em mais de 20 prêmios nacionais e internacionais, entre eles três Esso, o IPYS de melhor investigação da América Latina, o Knight Internacional e o Lorenzo Natali (Bélgica). Estreou na literatura com *Holocausto brasileiro*e em seguida lançou *Cova 312*, com os quais ganhou, em 2014 e 2016, respectivamente, o segundo e o primeiro lugares do Prêmio Jabuti, na categoria livro-reportagem. Recentemente, *Holocausto brasileiro* foi adaptado como documentário e lançado pela HBO em 40 países. Pela Intrínseca, lançou também *Todo dia a mesma noite*, em 2018. Mãe de Diego, Daniela mora em Juiz de Fora.

“Embora o foco principal sejam as vítimas do horror de décadas de maus-tratos a quem dá voz, a obra faz um estudo completo do hospital, de seus funcionários, algozes, cúmplices e do *modus operandi* do genocídio, além de um rigoroso trabalho de investigação jornalística.”

*Le Monde Diplomatique Brasil*

HOLOCAUSTO BRASILEIRO, de Daniela Arbex



288 páginas

Impresso: R$ 49,90

E-book: R$ 34,90

**Outras informações**

Editora Intrínseca

gustavoautran@intrinseca.com.br

55 21 3206-7403

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

Facebook: EditoraIntrinseca

Twitter: @intrinseca

Instagram: @intrinseca